

TEXTOS CRÍTICOS

A prof^a dr^a Lígia Militz da Costa acaba de lançar precioso livro de crítica literária sob a denominação de TEXTOS CRÍTICOS, edição da UNICRUZ pela Gráfica e Editora Pallotti, de Santa Maria/RS.

O sumário analisa a literatura com os títulos:

Um banquete cultural – Moacyr Scliar; *O cronista e O marido do Dr. Pompeu* – Luis Fernando Veríssimo; *Rodízio de contos e Os pés do patrãozinho* – Moacyr Scliar; *Mel e girassóis* – Caio Fernando Abreu; *Noite* – Erico Veríssimo; *Intimismo na Literatura e O louva-deus* – Antônio Carlos Resende; *Exílio* – Lya Luft; *Manhã transfigurada* – Luis Antonio de Assis Brasil; *Adultério em Dom Casmurro* – Machado de Assis; *Amar, verbo intransitivo* – Mário de Andrade; *Macunaíma* – Mário de Andrade; *São Bernardo* – Graciliano Ramos; *Terras do sem fim* – Jorge Amado; *Tieta do Agreste* – Jorge Amado; *Do País do carnaval à Farda, fardão camisola de dormir* – Jorge Amado; *Bufo e Spallanzani* – Rubem Fonseca; *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* – Rubem Fonseca; *A hora da estrela* – Clarice Lispector; *Em liberdade* – Silviano Santiago; *Feliz Ano Velho* – Marcelo Paiva; *O menino maluquinho* – Ziraldo; *E.T. – O extraterrestre em sua aventura na terra* – William Kotzwinkle; *O perfume* – Patrick Süskind; *O nome da rosa* – Umberto Eco; *Cavernas (e shoppings)* – José Saramago & Platão.

O prefácio de Moacyr Scliar é denominado *Um banquete cultural*. Apresenta-se a seguir uma crítica de Affonso Romano de Sant'Anna ao trabalho crítico de Lígia.

"No seu livro *O condicionamento telúrico-ideológico do desejo em Terras do sem fim* (Porto Alegre: Movimento/IEL), Lígia Militz da Costa supera a caduca divisão entre uma crítica sociológica e uma psicanalítica, e ao mesmo tempo reintegra a análise estilística e a estrutural. O trabalho não apenas analisa os três níveis formais da obra – os grandes blocos da narração, a articulação dos personagens e a constituição da linguagem –, mas trata de inserir *Terras do sem fim* no conjunto da ficção de Jorge Amado. Utilizando-se de formalizações e operacionalização de modelos, ela mostra como o romancista extrapola o dualismo *ideologia dominante versus contra-ideologia* e constrói uma obra eficaz politicamente, porque é antes um discurso estético eficaz."

De fato, o banquete de iguarias variadas e finas está pronto, falta-lhe a apetência do LEITOR.

Línguas indígenas: caminhos de uma investigação

Marília Facó Soares*

Resumo: Neste artigo, apresentamos alguns caminhos de investigação incluídos em dois projetos que coordenamos. A partir desses caminhos, assumimos uma visão comparativa e mostramos a interação entre acento de altura e tom com base na Teoria da Otimalidade (OT). As línguas comparadas são: o *Tikuna* (língua isolada falada na região amazônica e analisada como tonal) e o *Teribe* (língua Chibcha vista como marginalmente tonal e falada na área intermediária). De acordo com nossos resultados, ambas as línguas não apresentam uma restrição tonal ou uma restrição de estrutura prosódica sob a dominação das Restrições de Proeminência-Tom – um fato importante que assinala para outros modos de se ver a interação entre tom e estrutura prosódica. Além disso, nossos resultados apontam para a importância de OCP na relação entre tom e acento: sob diferentes formulações, OCP parece ser necessário para a coexistência entre tom e acento (*Teribe*) e para o suprimento de uma necessidade acentual (*Tikuna*).

Palavras-chave: Tom. Acento. *Tikuna*. *Teribe*.

Abstract: In this paper, we point to some ways of investigation included in two projects we coordinate. From these ways, we assume a comparative view and show the interaction between pitch-accent and tone based on Optimality Theory (OT). The languages under comparison are: *Tikuna* (an isolated language spoken in the Amazonian area and analysed as tonal) and *Teribe* (a Chibchan language seen as marginally tonal and spoken in the Intermediate area). According to our results, both languages do not present a tone constraint or a prosodic structure constraint under the domination of the Tone-Prominence Constraints – an important fact that points to other ways for tone and prosodic structure to affect each other. Besides, our results point to the importance of OCP for the relation between tone and accent: under different formulations, OCP seems to be necessary for the coexistence of tone and accent (*Teribe*) and for the supply of an accentual necessity (*Tikuna*).

Key words: Tone. Accent. *Tikuna*. *Teribe*.

* Museu Nacional/UFRJ.

No resumo encaminhado para esta apresentação, uma das coisas que dissemos foi a de que focalizaríamos os principais pontos de dois projetos que coordenamos e que são: *Um estudo de interfaces em línguas indígenas* e *Projeto Pano: estudos sincrônicos e diacrônicos*. Também dissemos que, mostrando algumas possibilidades de investigação abertas por esses projetos e alguns de seus desenvolvimentos, centraríamos nossa apresentação no tratamento das relações entre tom e acento de altura em línguas cobertas por esses dois projetos.

Devido ao tempo, vamos transformar a focalização em menção, mantendo o principal da apresentação. A razão para mencionar determinados pontos desses dois projetos reside no fato de que ambos, sendo projetos teoricamente orientados no âmbito de modelos gerativos, assumem necessariamente o princípio fundamental de que as línguas são basicamente uniformes, havendo limites para a variação lingüística (variação intralingüística e interlingüística), limites esses relacionados a determinadas propriedades dos enunciados.¹ Ao assumir esse Princípio de Uniformidade, os projetos mencionados se tornam terrenos férteis para trabalhos de comparação lingüística fundada na busca por limites. Assim é que o primeiro projeto que mencionamos e que é sobre o estudo de interfaces tem como um de seus pontos principais o conhecimento exato da natureza de Spell-Out, relacionando esse conhecimento às "possibilidades (e limites de possibilidades) para diferenças em determinados pontos da estrutura fonológica e da interface sintaxe-fonologia quando essas convivem com semelhanças no léxico e na gramática"² – o que significa lidar com variação e, conseqüentemente, com comparação lingüística. E assim é também que o segundo projeto que mencionamos, *Projeto Pano: estudos sincrônicos e diacrônicos*, formulado no âmbito da Teoria da Otimalidade – que é também uma teoria gerativa – acolhe a comparação lingüística dando a ela um lugar privilegiado em sua execução, já que entre seus principais pontos está a questão das diferenças internas à própria família Pano – algumas das quais não representam apenas meras diferenciações gradativas, mas parecem importar em diferenças substanciais.

Um exemplo do investimento feito em comparação lingüística ligada ao Projeto Pano poderá ser visto neste Seminário, no trabalho em que são comparadas as Línguas Marubo e Matsés (ambas pertencentes à família Pano) a partir da questão da presença ou não de segmento nasal em coda.³

¹ O princípio em questão é o Princípio da Uniformidade (ver Chomsky, 1999).

² Cf. Soares (2000, p. 52).

³ Ver Costa e Dorigo (2002), trabalho realizado no âmbito do Projeto Pano.

Um outro exemplo desse tipo de investimento é o que passamos a apresentar, através da comparação entre duas línguas: o Tikuna (língua falada na Amazônia, tida como isolada e analisada como tonal); e o Teribe (uma língua pertencente à família Chibcha que, vista como marginalmente tonal, é falada na chamada Área Intermédia). As duas línguas são comparadas a partir das relações entre tom e acento de altura. Efetuamos trabalho de campo com ambas as línguas.⁴ E na comparação efetuada a busca é a do entendimento de como determinados padrões podem se manter ativos em uma língua, mesmo quando as causas para a sua existência não estão na gramática sincrônica. E aqui se justifica a comparação entre línguas próximas ou afastadas. No caso do Tikuna e do Teribe, ambas são afastadas.

1 Tikuna

Em trabalhos anteriores, analisamos aspectos do nível tonal em Tikuna, tanto de um ponto de vista estritamente derivacional, quanto no quadro da Teoria da Otimalidade,⁵ estando aí incluída a questão da composição interna dos tons em termos de traços.⁶ Resumidamente, alguns aspectos do nível tonal são rerepresentados aqui em (1), que revela uma abordagem derivacional do tom em Tikuna:⁷

⁴ O trabalho de campo com a língua Teribe foi realizado por esta autora e J. Diego Quesada, entre maio e junho de 1999, na aldeia Sieykin (distrito de Changuinola, província de Boca del Toro, Panamá). Com relação aos dados da língua Tikuna, esses foram coletados por esta autora em quatro grandes aldeias Tikuna: Vendaval, Campo Alegre, Belém do Solimões e Kanimaru (estado do Amazonas, Brasil).

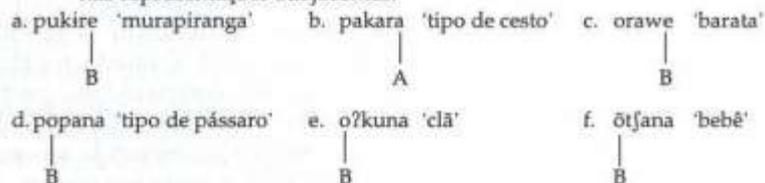
⁵ Ver Soares (1992, 1995a, 1995b, 1996, 1997, 2001).

⁶ Em Soares (1997), consideramos o tom do mesmo modo que Clements (1989); isto é, como traço hierárquico que organiza um único parâmetro acústico e articulatório (= a altura relativa em séries hierárquicas de registros e sub-registros). O tom é visto como organizado em componentes tonais.

⁷ Com relação a (1iii), observamos que a formulação linear da dissimilação tonal é $\alpha T \rightarrow -\alpha T / \alpha T$ (com ambiente em espelho; ver Soares (1996)). A formulação não-linear desse mesmo processo implica desligamento de um dos αT e inserção do tom oposto (uma operação em dois passos).

(1) Tikuna – nível tonal

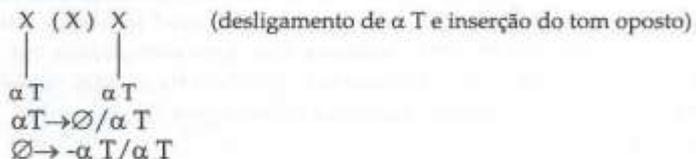
i – Pré-associação tonal no léxico, com os tons alto e baixo presentes nas representações subjacentes:



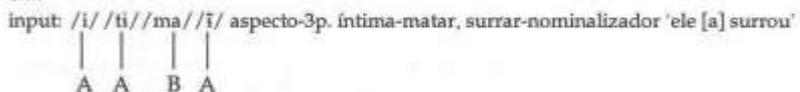
ii – Um filtro no léxico inspeciona a formação de palavras em estágio não-final da derivação e exclui seqüências trissilábicas associadas ao mesmo tom:



iii – Dissimilações tonais evitam que OCP seja desrespeitado (OCP – "Obligatory Contour Principle" – proíbe identidades adjacentes na mesma camada):

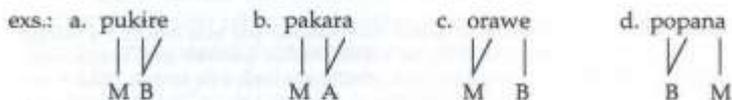


ex.:



output: ABAB [i ti ma i] (estágios intermediários: ABBA; ABAA)

iv – O tom médio é inserido como default ao final de uma derivação:
∅ → M tom médio (default)

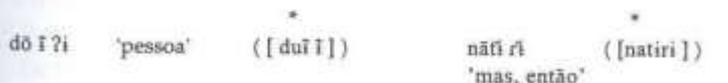
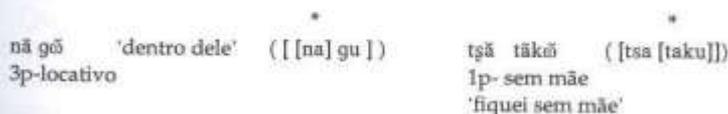
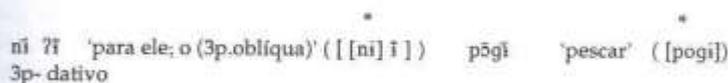
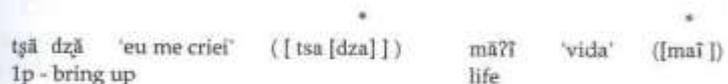


Ainda dentro de uma abordagem derivacional, o Tikuna foi apresentado como possuindo dois tipos de acento: um acento morfológicamente condicionado e um acento rítmico.

O acento morfológicamente condicionado possui a duração longa como seu correlato físico e é localizado na sílaba mais à esquerda de uma raiz. Como as raízes em Tikuna usualmente não possuem mais de três sílabas, itens lexicais com no máximo três sílabas e uma raiz não-seguida de sufixos podem ter como sua sílaba acentuada a primeira, a segunda ou a terceira sílaba, contadas da direita para a esquerda, como se vê em (2a):

(2a) Acento lingüístico (morfológico)

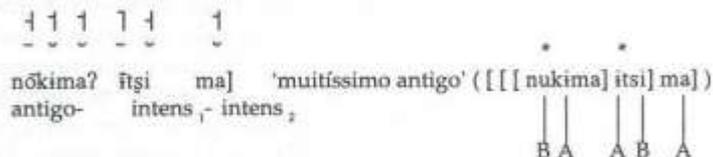
(* = acento lingüístico abstrato; ¯ = duração longa; ¨ = duração breve; parênteses indicam representações mais abstratas, porém não iniciais; colchetes indicam a constituição interna das palavras; omite-se aqui informação sobre tom):



Já o acento rítmico, esse está ligado a uma colaboração entre duração e altura, aparecendo quando uma seqüência é aumentada para a direita e a extensão-limite de três sílabas é ultrapassada. Essa extensão separa o acento morfológico – acento lingüístico – da margem direita da seqüência. Veja-se (2b):

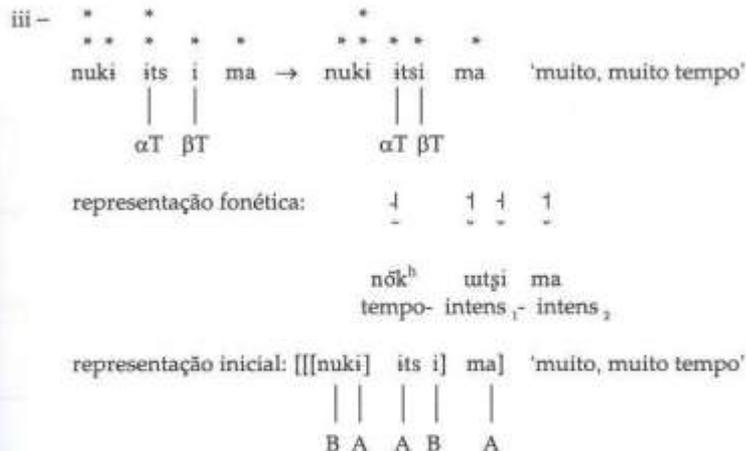
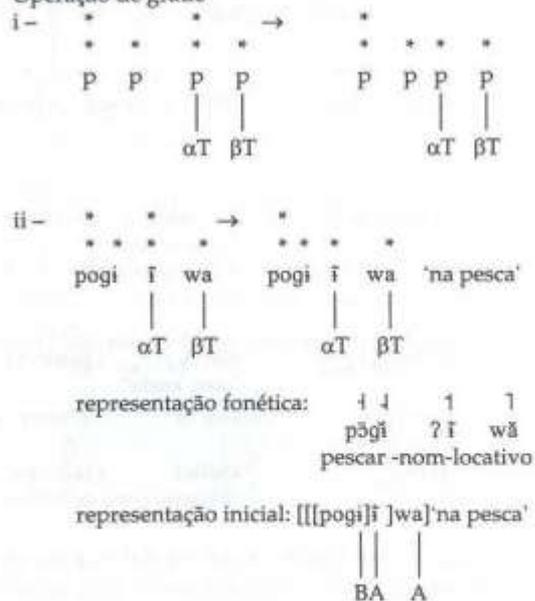
(2b) Acento rítmico

(1 = altura meio-alta; ↓ = altura meio-baixa; ↑ = altura alta; J = altura baixa; † = altura média; A = tom alto; B = tom baixo; o acento rítmico é indicado por uma estrela maior)



O acento rítmico também possui a duração longa como seu correlato físico e sua posição na superfície coincide com um ponto saliente criado a partir de restrições e processos que afetam o nível tonal. Devido a essa coincidência, o acento rítmico pode ser excluído por uma operação de grade que, vista em (2c), exclui o acento rítmico e preserva o acento lingüístico, se esse não estiver precedido de outro acento na palavra:

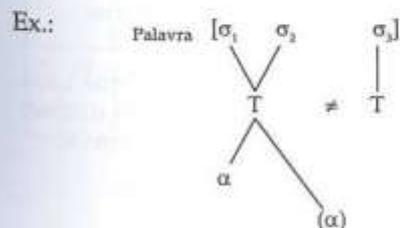
(2c) Operação de grade



Desse modo, (2c) apresenta, como consequência da operação de grade, a possibilidade do aparecimento de uma extensão não-limitada de sílabas separando o acento lingüístico da margem final à direita, conforme comprovam os dados em (2c ii) e (2c iii). Além disso, o acento rítmico está ausente desses últimos dados, uma ausência que é compensada pela existência de uma alternância tonal associada à mesmas sílabas que são computadas para a operação de grade.

Quando reinterpretados no quadro de uma análise por restrições, esses fatos ganharam um outro contorno. O filtro lexical foi eliminado em favor de uma restrição capaz de ser associada a bloqueio de processos. Essa restrição foi identificada como OCP (Princípio do Contorno Obrigatório), cuja formulação em (3a) proibe uma seqüência de especificações tonais idênticas:

(3a) OCP: é proibido haver uma seqüência de especificações tonais idênticas

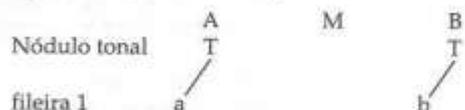


Essa formulação assume as especificações tonais propostas em Soares (1997)⁸ e apresentadas em (3b):

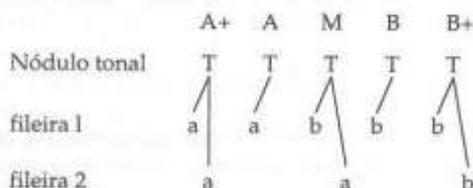
(3b) Nível tonal

(A = tom alto; B = tom baixo; A+ = elevação de tom alto; B+ = abaixamento de tom baixo (ver Soares (1997)):

i - representação tonal no input



ii - representação tonal no output:



De acordo com (3a), a terceira sílaba de uma palavra não pode ser associada ao mesmo componente tonal da segunda sílaba, sempre que este componente está associado à primeira sílaba através do nóduo tonal. Para que os efeitos bloqueadores do OCP tenham lugar, OCP deve estar acima da restrição INTERPRETABILIDADE (ver 4) – o que requer a presença de tom em todas as vogais:

(4) INTERPRETABILIDADE (TOM): todas as vogais devem portar um tom

A restrição de INTERPRETABILIDADE desencadeia não somente processos de propagação tonal, mas também a especificação default. No final da hierarquia está uma restrição relacionada à fidelidade entre input e output – MAX-IO (T), vista em (5):

(5) MAX-IO⁹ (T): um tom no input deve possuir um correspondente no output:

Facilmente violável em Tikuna, essa restrição exige que cada traço/componente tonal no input possua um correlato no output. A escala hierárquica envolvendo essas três restrições está em (6)

(6) OCP >> INTERPRETABILIDADE >> MAX-IO

⁸ Ver nota 6.

⁹ MAX-IO exige que o input apareça maximamente no output.

E a ilustração de seus efeitos encontra-se em (7) e (8):¹⁰

(7) /i/ /ti/ /ma/ /ĩ/ aspecto - 3p.íntima - matar -nominalizador 'ele [a] surrou'

| /i - ti - ma - ĩ/ | OCP | INTERPRETABILIDADE | MAX-IO (T) |
|---|-----|--------------------|------------|
| <pre> A A B A </pre> | | | |
| a) <pre> i ti ma ĩ A A B A </pre> | *! | | |
| b) <pre> i ti ma ĩ A B A </pre> | | *! | * |
| c) <pre> i ti ma ĩ A B B A </pre> | *! | | * |
| → d) <pre> i ti ma ĩ A B A B </pre> | | | *** |
| e) <pre> i ti ma ĩ AB AA </pre> | *! | | ** |

(8) /i tsa na pa/ aspecto-1p.s.objeto interno- secar 'eu o seco'

| /i tsa na pa / | OCP | INTERPRETABILIDADE | MAX-IO (T) |
|---|-----|--------------------|------------|
| <pre> A A </pre> | | | |
| a) <pre> i tsa na pa A A </pre> | *! | ** | |
| b) <pre> i tsa na pa B A </pre> | | *!* | * |
| → c) <pre> i tsa na pa B M A </pre> | | | * |

¹⁰ No Quadro (7), as formas itimaĩ (M-B-A) e itimaĩ (A-M-A) – com tom médio associado a duas sílabas adjacentes – são possíveis candidatos a output ótimo. Sua eliminação depende do modo como é considerado o tom médio (ver Soares (2001)).

As formas ótimas em (7) e (8) são outputs que exibem alternâncias tonais. Quanto à colaboração entre altura e acento (manifestado em Tikuna pela duração longa), vejamos o quadro em (9):

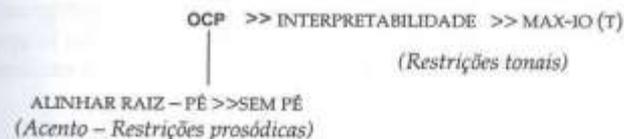
(9)

| / nuki -i tsi -ma / | ALINHAR RAIZ - PÉ | *SEM PÉ | OCP |
|---|----------------------|---------|-----|
| * a) (nuki) - itsi -ma B A B B A | | *** | *! |
| * b) nuki -(itsi) -ma B A B A A | *! | *** | |
| * c) (nuk i) -(itsi) -ma B A A B A | | * | *! |
| → * d) (nuk) - (its i) -ma B A B A A | | * | |
| → * e) (nuk) - its i -ma B A B A A | | *** | |

Em (9), há uma restrição de alinhamento responsável pelo aparecimento de acento na sílaba mais à esquerda da raiz. Essa restrição supera uma outra – SEM PÉ – que proíbe sílabas não-analisadas em pé. É importante dizer que essa última restrição é afetada por OCP – uma restrição independente que é responsável pela criação, em Tikuna, de outputs com alternâncias tonais. Por exemplo, em (9), de um lado se tem a eliminação dos candidatos *a)* e *c)* por OCP, enquanto o candidato *b)* – que respeita OCP – é descartado pela restrição que alinha raiz e pé: o acento em (9b) não está alinhado com a raiz. Por outro lado, os candidatos *d)* e *e)* podem ser considerados como ótimos, embora *e)* viole SEM PÉ muito mais do que o candidato *d)*. Esse fato pode ser explicado pela interferência de OCP: restrição independente em relação àquela res-

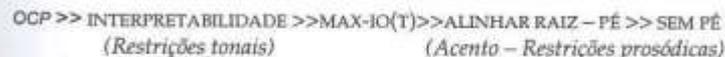
ponsável pela existência de um acento na sílaba mais à esquerda da raiz, OCP somente poderia interferir no resultado da avaliação feita por SEM PÉ se a qualidade de sua interferência tivesse efeitos que contrabalançassem possíveis violações de SEM PÉ. Do nosso ponto de vista, se um output como *e)* em (9) – que apresenta múltiplas violações de SEM PÉ – ainda pode ser considerado como candidato ótimo (juntamente com um outro candidato – *d)* – que viola em menor extensão a mesma restrição), é devido à existência dos efeitos de OCP. Esses efeitos, que contrabalançam violações de outra restrição, teriam origem na natureza perceptual de uma restrição ou família de restrições chamadas OCP. Devido às evidências empíricas, temos uma boa razão para dizer que, em Tikuna, as fronteiras entre tom e acento estão sujeitas a uma interferência perceptual. Em Tikuna, o tom não é capaz de criar estrutura métrica, mas é capaz, em circunstâncias bastante específicas, de suprir uma necessidade acentual. Uma representação informal dessa conclusão pode ser vista em (10a):

(10a) Tikuna: primeira hipótese sobre a interação entre tom e acento



Como a representação em (10a) não explica, de um ponto de vista *formal*, a interação entre tom e acento em Tikuna, nós argumentamos, em Soares (2001), em favor de sua substituição por (10b).¹¹

(10b) Tikuna: hierarquia entre restrições prosódicas e tonais



Na realidade, como em (9), os candidatos *a)* e *c)* são eliminados por OCP independentemente de SEM PÉ e como OCP não é dominada por ALINHAR RAIZ-PÉ, parece bastante razoável propor a hierarquia vista em (10b). Com esse resultado sobre o Tikuna em mente, passemos à língua Teribe.

¹¹ Na argumentação fornecida em Soares (2001), descartamos, para o caso em questão, o recurso à noção de 'equal ranking', proposta por Kager (s.d.), assim como a utilização de um serialismo à luz de Kiparsky (1999). Nenhuma dessas duas possibilidades nos pareceu justificável, nem apresentaria vantagens sobre uma análise efetuada no espírito do paralelismo.

2 Teribe

De acordo com Quesada (1999b), o Teribe possui dois tons, alto e baixo. Ainda de acordo com o mesmo autor, na medida em que a língua apresenta um punhado de pares mínimos tonais manifestados em itens lexicalmente relacionados, essa língua pode ser considerada como tonal. Entretanto, precisamente por causa da escassez das oposições (isto é, sua baixa frequência) somada ao fato de que as distinções tonais não possuem função gramatical, o fenômeno é visto como claramente marginal no sistema fonológico. Exemplos de contraste tonal dados por Quesada estão em (11):

(11) Teribe – pares tonais mínimos
(cf. Quesada, 1999b) (A = tom alto; B = tom baixo):

| | | | | |
|------------|------------------|----|------------|------------------|
| A – /plú/ | 'bom' | vs | B – /plu/ | 'rei' |
| A – /kók/ | 'deus' | vs | B – /kok/ | 'terra, tempo' |
| A – /bék/ | 'borda cortante' | vs | B – /bek/ | 'correto, exato' |
| A – /kéqé/ | 'velho' | vs | B – /keqe/ | 'tio' |
| A – /sɨŋ/ | 'tardio, noite' | vs | B – /sɨŋ/ | 'carne' |

Diferenças tonais também são usadas para expressar graus, constituindo uma das principais fontes de contraste tonal na língua (ver (12)), sendo que a língua fornece dados que apóiam a existência de acento fonológico (ver (13)):

(12) Diferenças tonais usadas para expressar graus (cf. Quesada, 1999b):

| | | | | |
|---------------|------------|----|---------------|-----------------|
| A – /diŋdiŋ/ | 'azul' | vs | B – /diŋdiŋ/ | 'azulado' |
| A – /srísriŋ/ | 'vermelho' | vs | B – /srísriŋ/ | 'avermelhado' |
| A – /plúplúŋ/ | 'branco' | vs | B – /pluplun/ | 'esbranquiçado' |
| A – /wliwli/ | 'sujo' | vs | B – /wliwli/ | 'um pouco sujo' |
| A – /plíplí/ | 'doce' | vs | B – /plíplí/ | 'um pouco doce' |

(13) Acento fonológico (cf. Quesada, 1999b)

| | | | | |
|----------|------------|----|-----------|---|
| /lo.no/ | 'disse' | vs | /lo.'no/ | 'caiu' |
| /ja.ra/ | 'agarrado' | vs | /ja.'ra/ | 'próximo' |
| /po.glo/ | 'rede' | vs | /po.'glo/ | 'próximo a' |
| /kwa.ra/ | 'deu' | vs | /kwa.'ra/ | 'classificador numeral para um (classe do redondo)' |

No nível da palavra, ainda segundo o mesmo autor, o acento possui como resultado um alongamento da sílaba acentuada, sendo o acento, em geral, colocado na primeira sílaba de palavras isoladas de duas ou três sílabas.

Uma minoria de palavras é acentuada na última sílaba. Exemplos de manifestação física do acento no nível da palavra

podem ser vistos em (14a), onde os dados mostram: (i) a tendência que têm a altura e a duração longa em coincidir; (ii) o fato de que o peso silábico não é determinante para a atribuição do acento (por exemplo, em (14a), vejam-se os itens lexicais correspondentes a 'árvore', 'emprestar', 'tudo, todos'); (iii) a tendência a manter o acento no interior da raiz em formas sufixadas. Além disso, mesmo em itens lexicais tonais, o ligeiro alongamento resultante do acento ainda se faz presente na primeira sílaba (ver 14b):

(14a) Correlato físico do acento: altura alta e, no nível da palavra, duração longa

| | | | | | |
|----------|--------------|-----------------------|-----------|------------------------|--------------------------|
| [wɔrɛ] | 'lentamente' | [kɔrk ^h ɔ] | 'galinha' | [kɔ ^h kɔvɔ] | 'flecha' |
| | | | | | |
| A B | | A B | | A B B | |
| [sɔglá] | 'vaca' | [dɔmɛr] | 'homem' | [dɔmɛr-ga] | 'homens' |
| | | | | | |
| B A | | B A | | B A B | |
| [khɔrɔŋ] | 'árvore' | [klɔftɔ-nɔ] | | [kwɔzɛr-wá] | 'garotinho' (garoto-dim) |
| | | | | | |
| A B | | A B B | | BA B | |
| | | 'comentado' | | (comentar-perf) | |

| | | | |
|-----------|-------------|---------|---------------|
| [pɔskwɔn] | 'emprestar' | [ɔnkɔŋ] | 'tudo, todos' |
| | | | |
| B A | | A B | |

(Soares e Quesada, 1999)

(14b) Altura e duração em itens lexicais tonais

| | | | | |
|--------|----------|------|---------|------------------|
| [fɛrɛ] | 'fritar' | kɛgɛ | 'velho' | (Quesada, 1999a) |
| | | | | |
| A | | A | | |

Em (18), os dados mostram que a palavra funcional /kon/ 'para' mantém seu acento subjacente quando precedida de um monossílabo átono, que é incorporado à estrutura métrica de /kon/, tornando-se parte de um pé métrico. Quando precedido de uma palavra acentuada, /kon/ 'para' perde seu acento, de modo a se evitar uma colisão acentual.

Quanto aos dissílabos e trissílabos nos quais todas as sílabas possuem ou tom alto ou tom baixo (rever (12) e os itens lexicais correspondentes a 'velho' e 'tio' em (11)), esses podem ser considerados como tonais, devendo ser explicado por que, nesses casos, o tom pode-se espalhar.

Uma maneira de lidar com os fatos relativos a acento e tom em Teribe é considerar a existência de *dois grupos de restrições: restrições de proeminência-tom e restrições prosódicas*.

As restrições de proeminência-tom – veja-se (19) – regulam a relação entre proeminência métrica e tom:

(19) Restrições de Proeminência-Tom

- i – * Δ_{σ} / B: o elemento terminal designado de uma palavra prosódica deve evitar tom baixo (isto é, o núcleo silábico de uma palavra prosódica deve evitar tom baixo).
- ii – * $-\Delta_{\sigma}$ / A: o elemento terminal não-designado de uma palavra prosódica deve evitar tom alto (isto é, as sílabas não-nucleares de uma palavra prosódica devem evitar tom alto).

Como em Teribe a situação comum é aquela em que a sílaba acentuada atrai altura alta e as sílabas átonas são baixas por default, podemos dizer, seguindo de Lacy (1999) e a sua proposta para restrições de proeminência-tom, que: *i) a sílaba nuclear de uma palavra prosódica deve evitar tom baixo; ii) as sílabas não-nucleares de uma palavra prosódica devem evitar tom alto*.

As restrições prosódicas são restrições sobre a formação e preservação da estrutura prosódica. Veja-se (20):

(20) Restrições Prosódicas

- a. FIDELIDADE (*): um acento no input deve ser preservado no output.
- b. i) ALINHAR – σ , D, Raiz, D: alinhamento da margem direita de uma sílaba com a margem direita de uma raiz (isto é, uma sílaba acentuada no input deve aparecer na margem direita de uma raiz).
- ii) ALINHAR PALPr, E, $\acute{\sigma}$, E: alinhamento da margem esquerda de uma palavra prosódica com a margem esquerda de uma sílaba acentuada (isto é, a margem esquerda de uma palavra prosódica deve coincidir com uma sílaba acentuada).
- c. BINARIDADE DO PÉ (PÉ BIN): o pé métrico deve ser binário.

Em (20b), estão duas restrições de alinhamento que propusemos para o Teribe: *i) alinhamento da margem direita de uma sílaba acentuada com a margem direita de uma raiz (isto é, uma sílaba acentuada no input deve aparecer na margem direita de uma raiz); ii) alinhamento da margem esquerda de uma palavra prosódica com a margem esquerda de uma sílaba acentuada (isto é, a margem esquerda de uma palavra prosódica deve coincidir com uma sílaba acentuada)*. A primeira restrição de alinhamento (a que diz que uma sílaba acentuada deve aparecer na margem direita de uma raiz) supera a outra restrição de alinhamento – *que é muito geral* –, de acordo com a qual a margem esquerda de uma palavra prosódica deve coincidir com uma sílaba acentuada. Além dessas duas restrições, há outras três: BINARIDADE DO PÉ, que pode ser vista em (20c) e exige que pés métricos sejam binários; uma restrição de fidelidade à sílaba que vem acentuada no input – FIDELIDADE Sílaba Acentuada (FIDELIDADE-($\acute{\sigma}$) -), (veja-se (20a)); e OCP, com uma formulação relativizada ao domínio do pé (veja-se (21)):

(21) OCP_{pé} Sílabas adjacentes no mesmo pé não devem portar o mesmo tom

O OCP relativizado ao pé proíbe que sílabas adjacentes portem o mesmo tom no interior do mesmo pé. E a restrição de FIDELIDADE à Sílaba Acentuada requer que uma sílaba acentuada no input seja preservada no output – sílaba essa que entra no primeiro tipo de alinhamento (alinhamento à margem direita de uma raiz). Quanto à sílaba acentuada que aparece na margem esquerda de uma palavra prosódica (a situação geral), essa pode ser obtida por GERAR (GEN), isto é, pode estar presente no output sem ser parte do input, não violando, desse modo, FIDELIDADE à Sílaba Acentuada.

A posição das restrições prosódicas e de proeminência-tom na escala hierárquica pode ser vista em (22). E os quadros em (23) e (24) apresentam os argumentos para a hierarquização proposta dessas restrições:

(22) FID(*) >> ALINHAR- σ RAIZ, R >> PÉ BIN >> PALPr, E ALINHAR- $\acute{\sigma}$, E >>
* Δ_{σ} / B, * $-\Delta_{\sigma}$ / A, OCP

- (23) / poglo / 'próximo a' (PALPr = palavra prosódica;] = PALPr margem direita; [= PALPr margem esquerda;) = margem direita de uma Raiz; (* x) pé iâmbico; (x *) = pé trocaico)

| Candidatos | FID- (*) | ALIN- *σ, -RAIZ | PÉ BIN | ALIN-ó | *Δ _σ / B | *-Δ _σ / A | OCP _u |
|--|----------|-----------------|--------|--------|---------------------|----------------------|------------------|
| → a. $\begin{matrix} (* x) \\ \text{pogló} \\ \text{B A} \end{matrix}$ | | | | * | | | |
| b. $\begin{matrix} (x x) \\ \text{pogló} \\ \text{A A} \end{matrix}$ | | | *! | | | * | |
| c. $\begin{matrix} (x *) \\ \text{[póglo} \\ \text{A B} \end{matrix}$ | *! | * | | | | | |
| d. $\begin{matrix} (x *) \\ \text{[póglo} \\ \text{A} \end{matrix}$ | *! | * | | | | * | * |
| e. $\begin{matrix} (* x) \\ \text{pogló} \\ \text{A} \end{matrix}$ | | | | * | | * | * |

- (24) / poglo / 'rede'

| Candidatos | FID- (*) | ALIN- *σ | PÉ BIN | ALIN-ó | *Δ _σ / B | *-Δ _σ / A | OCP |
|---|----------|----------|--------|--------|---------------------|----------------------|-----|
| a. $\begin{matrix} (x x) \\ \text{[póglo} \\ \text{A A} \end{matrix}$ | | | *! | | | * | * |
| → b. $\begin{matrix} (x *) \\ \text{[póglo} \\ \text{A B} \end{matrix}$ | | | | | | | |
| c. $\begin{matrix} (* x) \\ \text{pogló} \\ \text{B A} \end{matrix}$ | | | | * | | | |
| d. $\begin{matrix} (x *) \\ \text{[póglo} \\ \text{A} \end{matrix}$ | | | | | | * | * |
| e. $\begin{matrix} (* x) \\ \text{pogló} \\ \text{A} \end{matrix}$ | | | | * | | * | * |

Em (23), cada candidato viola alguma restrição. Os candidatos *c*) e *d*) falham na preservação de um acento que está no input; por violarem a mais alta das restrições, são eliminados. O candidato *b*) respeita as duas restrições de alinhamento, mas é eliminado pela restrição BINARIDADE DO PÉ, que está acima da segunda restrição de alinhamento: fazer o contrário significaria prever, de maneira incorreta, formas em que pés poderiam apresentar dois núcleos/cabeças. As formas em *a*) e *e*) falham no alinhamento da margem esquerda de uma palavra prosódica com uma sílaba acentuada, mas *a*) comete menos violações do que *e*): esse último apresenta uma sílaba não-nuclear com tom alto no interior da palavra (o que é proibido) e também viola o OCP. Como *a*) é o candidato que viola, de maneira não-fatal, somente uma restrição, pode ser escolhido como forma ótima. *Devemos assinalar que as restrições de Proeminência-tom e OCP não estão crucialmente hierarquizadas entre si: intercambiá-las não traria diferenças ao resultado.*

Em (24), o input não apresenta um acento a ser preservado. Dessa maneira, nenhum dos candidatos viola as duas restrições mais altas, e todos seguem seu caminho para avaliação pelas restrições seguintes. O candidato *a*) é eliminado por BINARIDADE DO PÉ; os candidatos *c*) e *e*) respeitam BINARIDADE DO PÉ e falham no alinhamento da margem esquerda de uma palavra prosódica com a margem esquerda de uma sílaba acentuada; *e*) também falha no respeito às restrições de proeminência-tom e no respeito ao OCP e, por essa razão, *c*) é melhor do que *e*). Mas *c*) – que apresenta apenas uma violação a uma única restrição não-alta – perde para *b*), que, por sua vez, não viola qualquer restrição e é melhor do que *d*), que viola uma restrição de proeminência-tom e o OCP.

No que diz respeito às formas que podem, no Teribe, ser consideradas tonais, não necessitamos modificar a hierarquia de restrições de uma maneira radical. É suficiente introduzir algumas restrições tonais, as quais podem ser vistas em (25):

(25) Restrições tonais

- IDENTIDADE T: um tom input é idêntico ao tom output correspondente em termos de sua especificação tonal.
 DEP-T: Cada tom no output possui um correspondente no input.
 OCP: é proibido haver uma sequência de especificações tonais idênticas.

Nesses dois quadros, o candidato ótimo está em *e*).

O que (27b) nos mostra é que restrições prosódicas têm precedência sobre restrições tonais (na realidade, duas restrições tonais), que, por sua vez, superam as restrições de proeminência-tom. Essas últimas não estão crucialmente hierarquizadas entre si. De acordo com de Lacy (1999) "para que tom e estrutura prosódica possam se afetar mutuamente, as restrições de proeminência-tom devem superar pelo menos uma das restrições tonais ou uma das restrições de estrutura prosódica". Como isso aparentemente não acontece em Teribe, essa seria uma língua sem qualquer interação tom-acento. Entretanto, como a estrutura prosódica envolve acento e na nossa análise restrições tonais são dominadas por restrições relativas à estrutura prosódica, diremos que o acento precede o tom.

Duas são as hipóteses que temos para uma hierarquia que relacione acento e tom em Teribe. Na primeira hipótese, que chamaremos aqui de *hipótese A*, restrições tonais são ativadas somente pela presença de informação tonal em alguns itens lexicais. Quando as restrições tonais não são ativadas, as restrições de proeminência-tom funcionam com o fim de atrair o tom para o acento *e*, nessa situação (situação comum), OCP – que não está crucialmente hierarquizado em relação às restrições de proeminência-tom – é estritamente local, estando ligado ao pé, o nível em que as interações proeminência-tom são significativas. Quando as restrições tonais são ativadas, as restrições de proeminência-tom não são decisivas na determinação do output ótimo e o OCP se torna estritamente tonal. Essa hipótese é a que se encontra representada em termos da hierarquia vista em (30):

(30) Teribe: hipóteses sobre a interação entre tom e acento

| |
|---|
| Restrições prosódicas >>((Restrições tonais) (Restrições de fidelidade, OCP)) OCP _{re} |
| (Acento) (Tom) Restrições de Proeminência-Tom |

A adoção da *hipótese A* traz um problema com conseqüências sérias. O problema é a admissão de *co*-fonologias paralelas. E as conseqüências são a cisão da gramática em subgramáticas e a visão de que cada subgramática seja não só independente, mas também radicalmente diferente de outra subgramática que com ela conviveria.

Face ao problema trazido pela hipótese A, é possível pensar em uma Segunda hipótese, *hipótese B*. Por essa última, mantém-se uma única hierarquia de restrições, substituindo-se uma das restri-

ções tonais (no caso, DEP-(T)), por outra restrição relacionada ao output que, permitindo os mesmos resultados em relação aos itens lexicais pré-especificados como tonais, não viesse a impedir a inserção de altura naqueles itens lexicais não-tonais no input. Para a determinação dessa outra restrição, necessitamos de evidência empírica associada à idéia de motivação lingüística e sustentação tipológica. E é nesse preciso ponto em que nos encontramos em nossa investigação.

3 Conclusões

Nossa primeira conclusão diz respeito às línguas diretamente confrontadas. Em termos do que vimos para o Teribe, o acento precede o tom *e*, devido a essa precedência, a previsão é de que itens lexicais tonais estejam sujeitos à estrutura prosódica, com possíveis alterações nos padrões melódicos desses itens. Quanto ao Tikuna, as Restrições Tonais dominam as Restrições de Estrutura Prosódica, isto é, o tom precede o acento. Devido a essa precedência, a estrutura prosódica é submetida a processos que provêm do nível tonal, com possíveis violações de uma restrição prosódica (no caso, SEM PÉ). Ambas as línguas não apresentam uma restrição tonal ou uma restrição de estrutura prosódica sob a dominação das restrições de proeminência-tom – um fato importante que aponta para outros caminhos pelos quais tom e estrutura prosódica possam mutuamente se afetar. Além disso, nossos resultados apontam para a importância de OCP para a relação entre tom e acento: sob diferentes formulações, OCP parece necessário para a coexistência entre tom e acento (Teribe) e para o provimento de uma necessidade acentual (Tikuna).

Nossa segunda conclusão envolve descrição e comparação lingüística. Manter o trabalho descritivo em conexão com o trabalho comparativo pode ser enriquecedor para o próprio trabalho descritivo, na medida em que determinadas questões podem orientar a coleta e a descrição de dados que, de outra forma, talvez não viessem à tona. Ao mesmo tempo, parece-nos claro que isso pode e deve ser feito sem qualquer prejuízo de uma descrição completa dos fatos de uma língua.

Referências

- CHOMSKY, N. 1999. Derivation by phase. Ms.
- CLEMENTS, G. N. 1978. Tone and syntax in Ewe. In: NAPOLI, D. J. (Ed.). *Elements of tone, stress, and intonation*. Washington, D. C.: Georgetown University Press.
- . 1989. The representation of the vowel height. Paper presented at the Conference on Features and Underspecification, MIT.
- COSTA, R. G. R. & C. T. Dorigo. 2002. A Coda nasal em Marubo e em Matsés (Pano). Comunicação apresentada no II Seminário Internacional de Fonologia. Porto Alegre, PUCRS.
- HALLE, M. & J. R. Vergnaud. 1987. *An essay on stress*. Cambridge, London, The MIT Press.
- HAYES, B. 1995. *Metrical stress theory. Principles and case studies*. Chicago and London, The University of Chicago Press.
- KAGER, R. (n.d.) "Generalized alignment and morphological parsing". Ms, University of Utrecht.
- KIPARSKY, P. 1999. "Paradigm effects and opacity". Ms.
- LACY, P. de. 1999. "Tone and prominence". Rutgers Optimality Archive # 333-0799.
- LIBERMAN, M. 1975. The intonational system of English. PhD dissertation. Cambridge, MIT.
- LIBERMAN, M. & A. Prince. 1977. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry* 8: 249-336, 1977.
- MCCARTHY, J. J. & A. Prince. 1993a. "Prosodic morphology". Ms, University of Massachusetts, Amherst, and Rutgers University.
- . 1993b. Generalized alignment. *Yearbook of morphology*, 1993, 79-154 (ROA - 7).
- . 1995. Faithfulness and reduplicative identity. In *Papers in Optimality Theory: University of Massachusetts Occasional Papers*, 18: 249-384. Amherst Mass.: Graduate Linguistic Student Association. (ROA - 60).
- MCCAWLEY, J. 1978. "What is a tone language?" In: FROMKIN, V. (Ed.). *Tone: a linguistic survey*. New York, Academic Press.
- MONTES, E. Vers une tonologie de la langue Tikuna. Memoire de D.E.A.
- MYERS, S. 1997a. OCP effects in Optimality theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 15, n. 4.
- . 1997b. Expressing phonetic naturalness in phonology. In: ROCA, I. (Ed.) *Derivations and constraints in phonology*. Oxford, Clarendon Press.
- NESPOR, M. 1990. On the separation of prosodic and rhythmic phonology. In: Inkelas, S. & Zec, D. (ed.) *The phonology-syntax connection*. Chicago and London, The University of Chicago Press.
- & I. Vogel. 1989. On clashes and lapses. *Phonology* 6, p. 69-116.
- PRINCE, A. 1983. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry* 14, p. 19-100.
- . & P. Smolensky. 1993. Optimality theory: constraint interaction in generative grammar. RuCCs Technical Report... 2, Rutgers University Center for Cognitive Science, Piscataway, NJ.
- QUESADA, J. D. 1999 a. Teribe data. University of Toronto, ms.
- . 1999b. Teribe phonology. University of Toronto, ms.
- SELKIRK, E. O. 1978. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. Bloomington, Indiana Linguistic Club.
- . 1984. Phonology and syntax: the relation between sound and structure. Cambridge, MIT Press.
- SOARES, M. F. 1991. Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna. In: ORLANDI, E. (Ed.) *Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*. Campinas Editora da UNICAMP, 1991.
- . 1992. O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica. Volume II: Ritmo. Campinas, IEL. Inédito.
- . 1995a. Ritmo y tono en tikuna. *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen, 1994*. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística, 1995a, p. 147-161.
- . 1995b. "Núcleo e coda. A sílaba em Tikuna". In: WETZELS, L. (Org.) *Coleção de Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, p. 195-263.
- . 1996. "Regulação rítmica e atuação do OCP em Tikuna". *Letras de Hoje* v. 31, n. 2, p. 7-26. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, junho de 1996.
- . 1997. Sous-spécification tonale en Tikuna. In: CARON, B. (Ed.) *Actes du 16e Congrès des Linguistes*. Oxford, Elsevier Sciences.
- . 1999a. "A contribuição do Tikuna às regras do ritmo e à relação sintaxe-fonologia". In: SCARPA, Ester M. *Estudos de prosódia no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP. (p. 189-252).
- . 1999b. "Ritmo em Tikuna: un abordaje basado en restricciones". Paper presented at the *I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. Universidad Ricardo Palma, Facultad de Lenguas Modernas, Lima, Peru.
- . 2000. "Variação e análise paramétrica: algumas possibilidades de estudos em línguas indígenas brasileiras". *Gragoatá. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, n. 9, p. 45-65. Niterói, Universidade Federal Fluminense.

———. 2001. Subespecificação tonal e tom default: o caso Tikuna. In: CABRAL, A. S. & RODRIGUES, A. D. (Org.). *Estudos sobre Línguas Indígenas*. I Belém, Universidade Federal do Pará.

SOARES, M. F. & J. D. Quesada. 1999. Teribe data. Partial fulfilment of "Questionnaire for indigenous languages data" (VIEIRA (1994)). Ms.

VIEIRA, M. D. 1994. "Guia-questionário para a coleta de dados de línguas indígenas" / "Questionnaire for indigenous languages data". Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.